

OBSERVAÇÕES METODOLÓGICAS SOBRE A INTERPRETAÇÃO SEMÂNTICA E QUANTITATIVA DE QUANTIFICADORES NOMINAIS DO PORTUGUÊS (Methodological Observations Concerning the Semantic and Quantitative Interpretation about Nominal Quantifiers in Portuguese)

ABSTRACT

The aim of this paper is to present an analytical methodology to be used in some Portuguese nominal quantifiers' description. I claim that when a nominal quantifier occupies a reference function, it means that it has a strong semantic charge. On the other hand, once in an exact numerical function, this quantifier has not the required semantic charge to be in that reference function.

Keywords: Quantification; Reference; Methodology.

RESUMO

O objetivo deste artigo é a apresentação de metodologia analítica a ser aplicada na descrição de alguns quantificadores nominais do português. sustento que um quantificador nominal pode ocorrer em função referencial, sendo que, em casos como esse, o quantificar manifesta forte carga semântica. Em situação inversa, o quantificador em exercício de função de numeração exata não exerce função semântica de referência.

Palavras-chave: Quantificação; Referência; Metodologia.

Neste artigo, proponho-me a descrever a interpretação referencial de alguns itens lexicais nominais do português que possuem acepção de quantificação¹. Esses itens serão denominados QUANTIFICADORES NOMINAIS e serão notados como QNs. Há outras palavras de características mórficas nominais que também possuem acepção quantitativa, mas não foram consideradas neste estudo. Restringi a pesquisa aos itens lexicais quantificadores que numeram entidades. Para deixar nítida esta distinção, observemos o enunciado (1), logo a seguir:

* PUC- Minas.

¹ Este artigo resulta de discussões sobre referência e qualificação desenvolvidas com os professores Mário Alberto Perini e Yara Liberato, durante a redação de minha dissertação de mestrado entre 1999 e 2000. A responsabilidade pelo que aqui está publicado, no entanto, é inteiramente minha.

- (1) **Vários** elefantes e **algumas** emas causaram altos e sérios estragos no circo do Seu Léo.

As noções de quantificação dos itens que aparecem em negrito e daqueles que aparecem sublinhados são diferentes:

- *Vários* e *algumas* quantificam as entidades “elefantes” e “emas”.
- *Altos* e *sérios* não quantificam “estragos” em termos numéricos, mas em intensidade.

Itens como os *altos* e *sérios* não são considerados.

O objetivo deste trabalho é de cunho metodológico. Gostaria de apresentar uma metodologia a ser aplicada em pesquisas empíricas ulteriores. Para apresentar tal propósito, o texto será organizado da seguinte forma. Inicialmente, exponho as definições de referência e de quantificação. Em seguida, proponho os traços descritivos que permitem a distinção entre essas duas funções. Em um terceiro momento, organizarei os exemplos pensados em quatro grupos de interpretação distintas, e chamo a atenção para alguns contra-exemplos, que não põem em xeque a hipótese proposta. Nos comentários da conclusão, finalmente, resalto o valor metodológico e conceitual do presente estudo, cujo tema central, aqui repetido forma mais detalhada, é: *a interpretação de QNs como referência segue tendência contrária a sua precisão numérica*.

1. OS QNS EM ACEPÇÃO REFERENCIAL

Sustento a possibilidade de haver uma interpretação referencial² para os QNs. Essa idéia é contrária ao que Hugo Mari (1979) apresenta:

(...) julgamos que as palavras que compartilham da noção de quantidade (...) comportam-se uniformemente em relação às suas possibilidades semânticas de expressar quantidade, em função do próprio caráter de acidente desta noção. Assim existe uma semelhança na forma de indicar quantidade em pares de palavras como: *comprimento/vários, estreito/três, encurtou/às vezes*. Em cada um destes

² Sobre a noção de referência, “referir significa apontar uma entidade/objeto/indivíduo determinado no ‘mundo’ através do uso de ‘expressões referenciais’” (A. L. Müller, 1993:273) Ainda: há uma importante discussão sobre o tema que foi apresentada por J. Macnamara em R. Jackendoff *et al.* (1999). Macnamara discorre sobre o reconhecimento de referência. Segundo ele, a percepção da referência e sua posterior qualificação por crianças podem ser associadas aos mecanismos cognitivos da visão. Sobre o tema, ver R. Langacker (1987); G. Kleiber (1994); e K. Fraurud (1996).

vocábulos, há uma representação subjacente da noção de quantidade, mas em nenhum destes casos, a quantidade pode ser concebida independentemente das ações, dos objetos e dos conceitos que são acidentalizados. (...) a quantidade em si é um acessório, é abstrata e assume forma representativa e referencial, na medida em que atua sobre outros elementos (p. 68).

Parece-me que os quantificadores podem exercer função referencial e que não se limitam ao exercício de papel acessório. Pelo que compreendi, “ser acessório” significa que os QNs apenas poderiam ocorrer acompanhando um outro termo dentro da estrutura sintagmática que desempenha a função referencial ou de forma anafórica. Em (2-3), porém, parece-me possível a interpretação de função referencial para os QNs *todos* e *alguns*, mesmo se ocorrem, hipoteticamente, fora de contexto anafórico:

- (2) Todos chegaram.
- (3) Alguns topam tudo.

Como será discutido mais adiante (*cf.* seção 3.1), os QNs em (2-3) possuem informação semântica suficiente para o exercício de referência.

2. DESCRIÇÃO DOS QNS EM QUATRO GRUPOS DISTINTOS

Entre os QNs, há traços semânticos particulares que possibilitam sua distribuição em grupos lexicais de interpretações distintas. Estabeleci quatro grupos de acordo com os traços semânticos de Carga Semântica Própria, notada como <CSP>, e de Noção de Quantificação Própria, <NQP>.

2.1. OS TRAÇOS DESCRITIVOS <CSP> E <NQP>, E OS GRUPOS DE INTERPRETAÇÃO

A <CSP> é a informação de natureza referencial fornecida pelo QN. Nos substantivos coletivos, como em *arquipélago* e *cardume*, por exemplo, aquilo a que os QNs se referem é precisamente interpretado. *Arquipélago* se refere a “ilhas” e apenas a “ilhas”; *cardume*, a “peixes” e apenas a “peixes”. *Cardume* e *arquipélago* são quantificadores com uma forte dosagem de <CSP>; o que pode ser indicado pelo fato de não aceitarem um SP incompatível com a sua natureza semântica:

- (4) *_{SN} [Um cardume_{SP} [de livros]]³
 (5) *_{SN} [Dois arquipélagos_{SP} [de músicas]]

Por outro lado, existem outros quantificadores com uma <CSP> fraca. Para *três* e *dúzia*, não há a possibilidade de interpretação referencial. Em contrapartida, essas palavras possuem um efeito de quantificação exato. São quantificadores de alta dosagem de <NQP>. Sabe-se que *três* refere-se a um conjunto de 3 elementos e *dúzia* a um conjunto de 12 elementos.

As variações na intensidade das taxas de <CSP> e de <NQP> nos QNs serão indicadas seguindo uma escala de 1 a 4. Essa escala numérica não deve ser compreendida como uma seqüência de valores discretos. Os valores de 1,2,3 e 4 indicam *pontos* nas variações contínuas de <CSP> e <NQP> a serem comparados⁴. Marcam-se os QNs de alta carga semântica própria como <4CSP>. Os QNs que possuem baixa carga semântica própria como <1CSP>. Marcam-se os QNs de alta precisão quantitativa como <4NQP>. Os QNs que possuem muito baixa precisão de quantificação como <1NQP>. Assim, aplicando o modelo aos exemplos até aqui examinados tem-se:

arquipélago e *cardume*: <4CSP, 1NQP>

três e *dúzia*: <1CSP, 4NQP>

Dentro de um espectro de quatro conjuntos, esses exemplos pertencem a grupos dos extremos opostos de variação dos índices de <CSP> e de <NQP>. Os QNs de posição intermediária foram locados em outros dois grupos.

Em um primeiro grupo intermediário, encontram-se QNs como *muitos* e *alguns* que mesmo localizados em início de enunciação podem exprimir referência a pessoas. Esses itens marcam uma boa dosagem de <CSP>, mas com um grau de precisão inferior ao grupo dos substantivos coletivos. Proponho que grau de <CSP> de *muitos* e *alguns* é inferior à taxa do primeiro grupo porque a imagem que os itens *cardume* e *arquipélago* criam é menos passível de variações do que a imagem criada por *muitos* ou *alguns*. Em outras palavras, parece ser mais imediata a interpretação de *arquipélago* como referente a “ilhas” do que *alguns* como referente a “seres humanos”. No que tange à quantificação, *muitos*

³ Como indicação de que não se trata de um constrangimento de ordem formal, aponto para o fato que as formas adjetivas para (4), ou seja, (4') * *Um cardume livresco* e para (5), (5') * *Dois arquipélagos musicais* serem igualmente inaceitáveis.

⁴ Sobre o tema ver H. Mello. A autora sustenta não haver classes sintáticas e lexicais discretas; propõe que se adote um modelo de *squiches*; explica ela: “...as palavras, assim como as funções sintáticas, compõem um quasi-continuum, em oposição à classificação discreta tradicional. Um squich é uma matriz que evidencia o grau de pertinência de uma dada forma em uma dada classe, ou seja, através de um squich, pode-se perceber que há, por exemplo, diferentes graus de nominalidade...” (Mello, 1990:128).

e *alguns* não permitem uma interpretação quantitativa exata como *três* e *dúzia* o fazem. No entanto, em situações de uso, os interlocutores têm alguma noção do que venham a ser as quantidades relativas a *muitos* ou a *alguns*. São QNs que apresentam <CSP> e <NQP> parciais:

alguns e *muitos*: <2CSP, 2 NQP>

O segundo grupo intermediário possui caracterização quantitativa semelhante ao anterior. A diferença entre esses dois grupos está ligada à <CSP>. *Hordas* e *bandos*, exemplos desse grupo, têm os seguintes traços semânticos:

hordas e *bandos*: <3CSP, 2NQP>

Possuem a mesma <NQP> e uma <CSP> mais significativa. *Hordas* e *bandos* possuem traços semânticos que permitem a interpretação referencial humana, sendo que a ela acrescenta-se a atribuição de valor pejorativo ao grupo humano designado, como se percebe em na comparação entre (6) e (7-8):

- (6) Alguns entraram no shopping.
- (7) Bandos entraram no shopping.
- (8) Hordas entraram no shopping.

Ao se escutar (6), não se cria outra imagem a não ser de pessoas que entraram no shopping. Considerando-se os exemplos (7) e (8), percebe-se que há influência das expressões *bandos* e *hordas* na imagem do grupo humano em questão. Por esse motivo, são QNs com uma dose de <CSP> mais forte.

2.2. OS GRUPOS

Seguindo as dosagens de <CSP> e <NQP> reconhecidas nos exemplos acima, pode-se constituir quatro grupos de QNs. Apresentados na ordem decrescente da propriedade <NQP> e crescente de <CSP>, os grupos são os seguintes:

| Grupos | 1 | 2 | 3 | 4 |
|-----------------|---|--|--|--|
| Características | <1CSP, 4NQP> | <2CSP, 2NQP> | <3CSP, 2NQP> | <4CSP, 1NQP> |
| Exemplos | <i>Centenas</i> <i>Milhares</i> <i>Dois</i> <i>Três</i> <i>Dúzias</i> | <i>Todos</i> <i>Alguns</i> <i>Vários</i> <i>Poucos</i> <i>Muitos</i> | <i>Bandos</i> <i>Quadrilhas</i> <i>Corjas</i> <i>Hordas</i> <i>Levas</i> | <i>Rebanhos</i> <i>Arquipélagos</i> <i>Frotas</i> <i>Cardumes</i> <i>Manadas</i> |

Tabela: Grupos de QNs a partir de traços <NQP> e <CSP>

Os elementos do GRUPO 1 apresentam o traço <CSP> com o índice 1, mas possuem clara exatidão na quantificação, ou seja, <NQP> com índice 4. Ao se utilizarem os quantificadores desse grupo, não há referência possível a não ser em situações anafóricas⁵.

De acordo com a notação proposta, pode-se dizer que o GRUPO 2 é caracterizado pelas dosagens <2CSP> e <2NQP>. A noção de quantificação, mesmo que imprecisa, permanece presente. Ou seja, *muitos* e *poucos* quantificam de alguma forma, mas sem a exatidão. Esse segundo grupo possui traço semântico <2CSP>, uma vez que sempre se tem conotação referencial humana se ocorrer em início de conversa. Elementos locados no segundo grupo são descritos por Perini *et al.* (1996) da seguinte forma:

(...) a palavra **poucos** não dá nenhuma indicação do referente ou referentes a que se aplica; na verdade, vale para qualquer referente. Seu significado é puramente quantitativo. Mas não se pode negar que o sintagma **poucos** em [Poucos votaram em mim] tem um referente (algo como “poucas pessoas”); assim, é forçoso admitir que o sintagma tem um centro de referência atribuído pelas regras sêmicas (p. 86).

Nesse aspecto, eu seria mais assertivo do que os autores citados; segundo os quais, é *forçoso admitir* que é possível reconhecer a referência. A meu ver, como se nota em (9-11), mesmo em um hipotético início de conversa, esses quantificadores engendram a interpretação de referência humana⁶:

- (9) Muitos entraram no shopping sorrindo.
- (10) Poucos entraram no shopping sorrindo.
- (11) Todos entraram no shopping sorrindo.

O GRUPO 3 pode ser descrito como dosados de <3CSP> e <2NQP>. A informação quantitativa é igualmente pouco definida, se comparada com a precisão quantitativa do primeiro grupo. No entanto, nota-se um nível mais elevado de informação semântica. Esses termos designam entidades humanas e atribuem julgamento de valor ao grupo humano referido. Trata-se de uma coloração *pejorativa*. Assim, os grupos 2 e 3 se assemelham no traço <NQP>, mas se distinguem na <CSP>. Parece-me de muito difícil a aceitabilidade de SNs como

- (12) ?? Hordas de freiras foram à missa.
- (13) ?? Hordas de benfeitores à missa.

⁵ Sobre o tema, ver L. Fulgêncio (1983) e Y. Liberato (1997)

⁶ O reconhecimento da natureza humana pode se justificar pelo efeito de cristalização, ou seja, a ocorrência de expressões que não geram novas expressões por analogia ou por algum outro processo, cuja ocorrência é condicionada a contextos de uso limitados e replicatório. Sobre o tema, ver G. Dostie (2002), P. Perini-Santos (inédito).

uma vez que social e culturalmente esses grupos humanos são considerados como conjuntos pessoas corretas. Essa carga de julgamento moral, que se caracteriza pela atribuição de pejoratividade ao grupo designado, se faz ainda mais clara em (14):

(14) Um bando de meninos entrou no cinema.

Nesse caso, ou interpreta-se *meninos* como outro grupo humano socialmente marginalizado, como se fossem “meninos de rua” ou atribui-se aos “meninos” alguma característica supostamente típica desse grupo. Este é um caso possível de LEXIFICAÇÃO NOMINAL. Para Leonard Talmy (2001), em cuja obra reconheço o conceito de lexificação, uma expressão exerce valor lexificado a partir do momento em que ativa automaticamente um esquema causal sem a necessidade de serem explicitados todos os elementos que dele participem. A partir da definição de Talmy, pode-se pensar em lexificação VERBAL. No caso das expressões *bando* e *hordas*, reconheço o caso de lexificação presente em itens nominais; por isso, o termo lexificação nominal.

A análise da interpretação pejorativa dos itens do terceiro grupo se aproxima metodologicamente do que fizeram Perini *et al.* (1996) na descrição da ordenação anteposta ao núcleo do SN para alguns adjetivos. Em sua publicação, é descrita como de difícil aceitabilidade a anteposição ao núcleo do SN dos adjetivos *cruel*, em (15) e *musculoso*, em (16):

(15) ?? Uma cruel mãe

(16) ?? Um musculoso professor

Não é nosso objetivo discutir essa questão, mas valho-me do comentário dos pesquisadores para reconhecer como os aspectos semântico-pragmáticos fazem parte do funcionamento de uma língua:

Em todos os casos de anteposição livre do adjetivo verifica-se a presença do seguinte ingrediente semântico: há uma **expectativa** de que a qualidade expressa pelo adjetivo seja particularmente adequada à entidade expressa pelo substantivo (...) A natureza dessas expectativas é uma questão interessante a investigar. Certamente não se trata de crenças puras e simples (...) Trata-se de estereótipos culturais, que, no entanto, como estamos vendo, têm relevância para a análise da língua (Perini *et al.*, 1996: 63).

Talvez não possa designar exatamente como estereótipos, mas há uma expectativa cultural de que “freiras” sejam pessoas boas e que “meninos de rua” sejam marginais. A aceitabilidade ou a recusa do QN *bandos* anteposto a esses dois itens em função de núcleo do SN é uma indicação da existência de julgamento social.

Os elementos do GRUPO 4 possuem os traços <4CSP, 1NQP>. Este é um conjunto marcadamente específico em sua carga semântica e quase vazio em sua quantificação. No que concerne a quantificação, o máximo que se pode afirmar é que esses itens denotam grupos não unitários. Apenas se utilizam termos coletivos quando se tem um conjunto com mais de um elemento a ser designado. Se considerarmos os exemplos abaixo, infere-se apenas que *arquipélago*, *cardume* e *frota* designam conjuntos não unitários de “ilhas”, “peixes” e “automóveis”, respectivamente:

- (17) O arquipélago mais em moda hoje se encontra no Golfo de Benin.
- (18) Um cardume apenas já encheu a geladeira da loja.
- (19) A frota americana invadiu o Iraque.

Em contrapartida, *arquipélago*, *cardume* e *frota* possuem uma elevada dosagem de <CSP>, já que se referem estritamente a um tipo de entidade. Nos exemplos (17-19), este fato é claro, se pensarmos que *arquipélago*, *cardume* e *frota* são interpretados em função referencial específica:

- (20) * Dois arquipélagos de músicas povoam as rádios.
- (21) * Um cardume de livros foi lido nas férias.
- (22) * Uma frota de pizzas foi servida no jantar de casamento do Ernesto e Cristina.

Outra indicação de sua alta marcação de <CSP> faz-se perceptível na inaceitabilidade dos exemplos (20) e (22), se considerados em sentido denotativo. Claramente, ocorre incongruência semântica.

3. COMPARANDO OS GRUPOS

Temos a descrição das dosagens de <csp> e <nqp> dos quatro grupos. O próximo passo a ser dado é a comparação entre os valores indicados. Nessa comparação, nota-se que há uma relação inversamente proporcional entre <csp> e <nqp>: o grupo que possui um maior índice <csp> terá um menor índice <nqp>. Os quatro grupos e respectivos índices descritivos foram dispostos no gráfico a seguir:

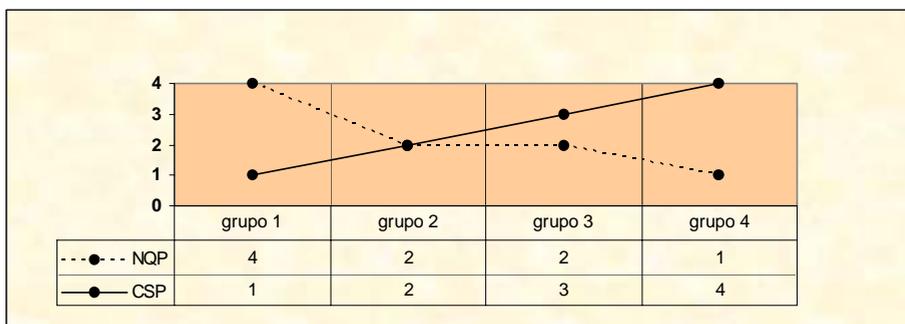


Gráfico: Comparação semântica dos quantificadores (em índices de <NQP> e <CSP>)

Os valores dos índices de <NQP> e de <CSP> entre os grupos 1 e 4 são inversamente proporcionais. Entre os grupos 2 e 3, não se tem clareza na relação de proporcionalidade inversa dos índices, posto que o valor da <NQP> é o mesmo. O sentido de queda da dosagem da <NQP> em direção ao último grupo, no entanto, confirma a hipótese proposta. Além disso, há uma tendência de crescimento do grupo 2 em direção ao grupo 3 nos valores da <CSP>.

O objetivo desta descrição não nega a necessidade de se proporem explicações para os fatos constatados. Questões como “Por que ocorre esta relação inversa entre <CSP> e <NQP>” “Como funciona nossa mente nesse caso” são perguntas que só podem ter lugar depois que se tem uma descrição do fato de haver esta relação inversa entre <CSP> e <NQP>.

4. CONTRA-EXEMPLOS

No caso específico da análise dos quantificadores, surgiram dois contra-exemplos para a hipótese proposta acima apresentada. *Casal* e *par* são dois quantificadores que possuem altas dosagens de <CSP> e <NQP>.

Casal pode ser descrito como um QN de natureza <3CSP, 4NQP>; ou seja, *casal* é um item lexical bastante exato a informação quantitativa e possui também um índice elevando de carga semântica, <3CSP>⁷. *Casal* sempre se refere a duas entidades vivas que tenham alguma relação de união e necessariamente de sexo diferente. Assim, *um casal de irmãos* se interpreta *irmãos* como “um irmão + uma irmã”. Essas considerações justificam a

⁷ A presença da preposição *de* nestes exemplos de QNs não afeta a hipótese proposta. A função desta partícula junto aos quantificadores é discutida em G. Fauconnier (1977) e em P. Perini-Santos (2007), onde se encontra listada vasta literatura a respeito.

caracterização de *casal* como <3CSP> da palavra que se confirma na série de exemplos (22-28):

- (23) Um casal de namorados despertou a atenção de Nuno.
- (24) Um casal de patos vive nos jardins do Palácio.
- (25) Um casal de amigos tira fotos no jardim da casa do bispo.
- (26) Um casal de velhos passeia pela praça.
- (27) * Um casal de mesas está em promoção nas Lojas Americanas.
- (28) * Um casal de automóveis da FIAT foi lançado no Salão do Automóvel.
- (29) * Um casal de irmãs brigou na festa.

Os exemplos (27-29) dão indicação da inaceitabilidade de *casal* antecedendo entidades não-vivas, como em (27) e (28), ou do mesmo sexo, como em (29). O valor da <CSP> não tem a precisão de nível 4, posto que se tem uma caracterização parcialmente restritiva para o tipo de entidade que pode acompanhar este QN. *Par* é o segundo contra-exemplo. Esse QN se caracteriza pelos índices <2CSP, 3NQP>. A quantidade pode ser avaliada como precisa. No entanto, creio que se justifica a aplicação do índice em 3, porque pode haver alguma indeterminação quantitativa na palavra *par*. Em (30), *par* quer dizer ‘algumas vezes’.

- (30) Um par de vezes ele passou por aqui.

A atribuição do índice <2CSP>, inferior ao índice de *casal*, se deve ao fato de *par* aceitar uma gama de entidades mais vasta do que exemplo anterior:

- (31) Um par de sapatos/meias/calças
- (32) Um par de amigos/namorados
- (33) Um par de mesas/cadeiras
- (34) Um par de brincos/anéis
- (35) Um par de samba/de forró
- (36) Um par de óculos/lentes
- (37) Um par de Ases/Reis (de Copas)
- (38) Um par de jarros/enfeites

Ainda está por serem descritas as restrições de uso do QN *par*. Apenas listo, nos exemplos (39-41), alguns enunciados que me parecem de difícil aceitabilidade:

- (39) ?? Um par de almôndegas
 (40) ?? Um par de ônibus
 (41) ?? Um par de laranjas

Provavelmente, *par* deve ter alguma exigência semântica específica que o torna especializado na numeração de duas unidades que tenham alguma relação de complementação entre elas. Necessariamente, um par de “brincos” é composto por dois brincos a serem usados conjuntamente; o que não ocorre em (39-41). Para alguns autores, casos como esses são irregularidades⁸.

5. COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS

Esse texto é uma proposta metodológica para a descrição dos QNs. O seu propósito só se justifica se for feita a coleta de dados e a confirmação empírica, e não intuitiva, de sua adequação em *corpus* de uso lingüístico⁹. Provavelmente, as diferenças entre os quatro grupos não se façam reconhecer com tanta clareza. Penso na possibilidade de interpretação dos QNs com as marcações de <1CSP> a <3CSP>.

Por outro lado, a hipótese sobre a relação inversa entre as noções de quantificação e de referência tem valor conceitual em si própria. Trabalhos com conclusões semelhantes quanto às funções de referência <R> e de qualificação <Q> foram propostos para a descrição de sintagmas nominais, notados como SN (*cf.* Perini *et al.*, 1996, dentre outros). Resumidamente, os autores sustentam a idéia de os termos nominais possuírem a potencialidade de exercerem ou a função <R> ou a função <Q>, ou seja, se o termo encontra-se em uma primeira função, não pode exercer uma segunda função. São, portanto, categorizações excludentes. A interpretação que ofereço para os QNs, porém, aceita situações de exercício simultâneo de funções de numeração e de referência, porém com possível variação de em graus de interpretação, sendo esses com relação inversa: a presença de uma <CSP> alta ocorre concomitantemente a uma baixa marcação de <NPQ>, e vice-versa. Nesse sentido, a inibição de função dupla, digamos, nos pontos extremos da variação entre <CSP> e <NPQ>, justifica-se por essa posição ela própria e não pela demarcação de limites discretos.

⁸ Como pode ser lido em M.A. Perini *et alli*: “A língua não se compõe apenas de regularidades; inclui também, em proporção desconhecida, casos particulares, exceções, irregularidades etc. (...) a língua compreende um componente anomalístico. Essas anomalias são tradicionalmente colocadas no léxico; assim, um item pode ser marcado como exceção a uma regra.” (1996:133).

⁹ Sobre o tema, ver M. Barlow (2000).

REFERÊNCIAS

- BARLOW, Michael & KEMMER, Suzanne (eds.) (2000). **Usage-Based Language**. Stanford: CSLI Publications.
- DOSTIE, Gaétane. “L’exemplarité de ‘par exemple’ – un cas de pragmatization en français québécois”. **French Language Studies**, 12: 149-167, 2002.
- FAUCONNIER, Gilles (1977). **La Coréférence: syntaxe ou sémantique**. Paris: Seuil.
- FRAURUD, Kari (1996). “Cognitive Ontology and NP Form”, In: FRETHEINM & GUNDEL (orgs.) **Reference & Reference Accessibility**. Amsterdam: John Benjamins.
- FULGÊNCIO, Lúcia (1983). **O problema da interpretação dos elementos anafóricos**. Belo Horizonte: UFMG. (Dissertação de Mestrado).
- JACKENDOFF, Ray; BLOOM, Paul e WYNN, Karen (eds.) (1999). **Language, Logic, and Concepts – essays in memory of John Macnamara**. Cambridge/London: MIT Press.
- KLEIBER, Georges (1994). **Nominales – essais de sémantique référentielle**. Paris: Armand Colin.
- LANGACKER, Ronald (1987). **Foundations of Cognitive Grammar**, vol. 1. Stanford: Stanford Un. Press.
- LIBERATO, Yara (1997). **A Estrutura do SN em Português: uma abordagem cognitiva**. Belo Horizonte: UFMG. (Tese de Doutorado)
- MARI, Hugo (1979). **A noção da quantidade na língua portuguesa: estudo das possibilidades de representação formal de alguns de seus aspectos**. Belo Horizonte: UFMG (Dissertação de Mestrado)
- MELLO, Heliana (1990). **Adjetivos – categoria fronteira**. Belo Horizonte: UFMG. (Dissertação de Mestrado)
- MÜLLER, Ana Lúcia. “A que se referem e correferem os SNs” **Boletim da Abralín**: 273-282, 1993.
- PERINI, Mário Alberto et al.. **Revista de Estudos da Linguagem**. N° especial, 1996.
- PERINI-SANTOS, Pedro (2000). **Aspectos da Referência no Português**. Belo Horizonte: UFMG. (Dissertação de Mestrado)
- PERINI-SANTOS, Pedro (2007). **Epistemologia Cognitiva para o Uso de Preposições – o caso da preposição de**. Belo Horizonte: Belo Horizonte: UFMG. (Tese de Doutorado).
- PERINI-SANTOS, Pedro. “Gramaticalização – revisão conceitual e análise de exemplos”. **Revista de Estudos da Linguagem**. (inédito – submetido à apreciação).